INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA E EDUCAÇÃO (ILAACH)

HISTÓRIA– GRAU LICENCIATURA

FLORES E DORES DA BATALHA:

Os Movimentos Negros e o Novo Ensino Médio em perspectivas

VICTOR EVANGELISTA SANTOS

PROFª. (DRª.) JÚLIA BATISTA ALVES

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

FLORES E DORES DA BATALHA:

Os Movimentos Negros e o Novo Ensino Médio em perspectivas

VICTOR EVANGELISTA SANTOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Profª. (Drª.) Júlia Batista Alves

Foz do Iguaçu
2025

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Zenilda (em memória), Valdete (em memória), Plácido (em memória) e Deusdete por guiarem meu Orí neste e em outro plano. É tudo por vocês, é tudo por nós.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

AGRADECIMENTOS

Inicio meus agradecimentos àqueles(as) que vieram antes de mim e que, por diversas razões — entre elas, por não serem vistos como seres humanos — sofreram as consequências da subcidadania, da indigência e da desesperança. Foram os caminhos traçados por meus antepassados e ancestrais que guiaram os meus passos até aqui.

Prossigo agradecendo àqueles que me concederam a vida. À minha mãe, Ana Maria, por sua atenção e dedicação exemplar, pelos momentos de afeto e por atribuir significado à minha existência, dedicando o pouco que tínhamos à realização dos meus sonhos. Ao meu pai, Antonio José, por ser um exemplo de ser humano, uma referência de futuro, um ser inspirador. Agradeço por todas as vezes em que me lembrou da importância de "devorar os livros" na busca por uma emancipação que, por muitas vezes, pareceu impossível. Agradeço, por fim, ao meu irmão Henrique, por ser meu guia — mesmo sem perceber — e por ter sido o alicerce que deu sentido às minhas ações.

Não posso deixar de agradecer aos corpos-sujeitos que preencheram minha existência, seja de maneira efêmera ou constante. Aos colegas de graduação, que tornaram esse período mais tolerável, criando um ambiente de aquilombamento e familiaridade em nossas relações. Agradeço especialmente à Kiara Silva, por compartilhar o lar e as esperanças de dois seres em desenvolvimento; ao Talles, Aline, Nicollas, Natália, Agatha, William e Sabrina, por mostrarem que a vida é mais leve quando compartilhada. E à Geovanna, por suportar minhas paranoias epistemológicas e, ainda que de forma efêmera, ceder parte de sua vida para colorir a minha com sua presença.

Reafirmo meus mais preciosos agradecimentos àqueles(as) que potencializaram minha escolha por esta profissão e por esta vida. Nesse sentido, agradeço à Profª Luana, de Sociologia, no Ensino Médio; à Profª Arlete, de Geografia, no Ensino Fundamental; ao Prof. Thiago, de Filosofia, no Ensino Médio; ao Prof. Fernando, de História, no Ensino Médio; ao Prof. Samuel, de Geografia e História, no Ensino Médio; ao Prof. André, de Geografia, no Ensino Médio; e ao Prof. André, de História, do Cursinho Popular Dandara dos Palmares. A todos e todas, por impulsionarem meus sonhos, por representarem tanto com suas existências, por transformarem a realidade de um jovem sem perspectivas.

Agradeço também às poucas, porém essenciais, docentes do período universitário — em especial à minha orientadora, Profª Drª Júlia Batista, pela paciência e afetuosidade; à Profª Drª Ângela Maria, pelas potências de sua trajetória e discurso; à Profª Drª Carola Sepúlveda, pelas trocas gentis e por sua humanidade incalculável; e ao Prof. Dr. Waldemir Rosa, pelas risadas e contribuições que tornaram este ambiente mais possível.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Por fim, agradeço imensamente aos meus/minhas alunos(as), por tornarem esta graduação possível — mesmo que não soubessem, mesmo que nem imaginem —, pois ela foi profundamente significada pela existência de cada um de vocês.

A vocês, o meu mais complexo e profundo obrigado.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Não sou o movimento negro
Sou o preto em movimento
(MV Bill, Paulinho Moska, O Preto em Movimento, 2021)

É isso aí você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos
(Racionais Mc's, A vida é um Desafio, 2002)

Escrever sempre né, desde que me entendo por gente eu escrevo, porque na minha cabeça faz parte do meu ser humano escrever. Mas, tive anteriores a mim, antepassados, ancestrais que não sabiam escrever porque alguém disse que eles não eram gente, eu escrevo por eles também. E por todos os outros, que não podem escrever. (Nabru, Confissões de um Vira-Lata, 2024).

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Flores e Dores da Batalha: Movimentos Negros e o Novo Ensino Médio em perspectivas

Victor Evangelista Santos[1]

Profª Drª Júlia Batista Alves[2]

Resumo

Os Movimentos Negros no Brasil, em todas as suas conjuturas, lutaram para o exercício de uma educação mais abrangente e equitativa no território nacional. Nesse sentido, buscamos compreender as alterações realizadas ao longo da história da educação no Brasil, assim como, evidenciar se os resultados dispostos através das Leis 10.639/03, 11.645/08 e 12.711/12 conseguiram proporcionar, de fato, uma emancipação da população negra periférica nos últimos anos frente aos processos reacionários, com ênfase no "Novo" Ensino Médio. A estruturação desta análise perpassa por uma exposição sintética da historicidade da educação no Brasil, das revindicações e resistências propostas pelos Movimentos Negros no país, assim como de suas respectivas ações conservadoras. Ademais, busca evidenciar as realidades contemporâneas da educação no Brasil. Refletimos sobre as mudanças ocasionadas pelas reivindicações dos movimentos sociais, se conseguiram auxiliar a aproximação das populações marginalizadas para dentro da educação, ou se foram utilizados pela estrutura (branca e capitalista) perversa do Estado, apenas como uma cortina que oculta as irregularidades de um sistema educacional e social que ainda é opressor e excludente, sobretudo, para as populações negras brasileiras. As bases teóricas que se relacionam com a formulação deste trabalho são guiadas pelo pensamento afropessimista para uma compreensão mais profunda de como as alterações previstas nas políticas públicas no Brasil, em prol de uma educação plural, na verdade não alteram em densidade a realidade da população negra periférica.

Palavras-chave: Educação; População Negra; Movimentos Negros; "Novo" Ensino Médio.

Resumen

Los movimientos negros en Brasil, en todas sus coyunturas, han luchado por el ejercicio de una educación más amplia y equitativa en el territorio nacional. En este sentido, buscamos comprender los cambios realizados a lo largo de la historia de la educación en Brasil, así como evidenciar si los resultados dispuestos a través de las Leyes 10.639/03, 11. 645/08 y 12.711/12 han logrado, de hecho, una emancipación de la población negra periférica en los últimos años frente a los procesos reaccionarios, con énfasis en la "Novo Ensino Médio". La estructuración de este análisis pasa por una exposición sintética de la historicidad de la educación en Brasil, de las reivindicaciones y resistencias propuestas por los movimientos negros en el país, así como de sus respectivas acciones conservadoras. Además, busca evidenciar las realidades contemporáneas de la educación en Brasil. Reflexionamos sobre los cambios provocados por las reivindicaciones de los movimientos sociales, si lograron ayudar a acercar a las poblaciones marginadas a la educación, o si fueron utilizados por la estructura (blanca y capitalista) perversa del Estado, solo como una cortina que oculta las irregularidades de un sistema educativo y social que sigue siendo opresor y excluyente, sobre todo para las poblaciones negras brasileñas. Las bases teóricas que se relacionan con la formulación de este trabajo se guían por el pensamiento afropesimista para una comprensión más profunda de cómo los cambios previstos en las políticas públicas en Brasil, en favor de una educación plural, en realidad no alteran en profundidad la realidad de la población negra periférica.

Palabras clave: Educación; Población negra; Movimientos negros; Novo Ensino Médio

---

[1] Graduando em História na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

[2] Docente da Área de Letras e Linguística na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Introdução

A educação tornou-se com o tempo o estabelecimento social[3] mais ambíguo na conjuntura da sociedade. Na mesma proporção que aproxima todos os indivíduos em prol de uma igualdade, os expõe às mais diversas formas de violência que surgem como uma representação da realidade. Nesse cenário, o ambiente social de uma ex-colônia, fragilizada historicamente por todas as empreitadas perversas do império, tem sob o espectro educacional as variadas formas de manutenção da ordem estabelecida.

Hubert Harrison (2020) elucida o que se configura como educação dentro de um mundo colonizado:

> Educação é o nome que damos àquele processo pelo qual a geração amadurecida traz à geração em ascensão o conhecimento e a experiência acumulados das gerações passadas e presentes para adequá-la aos negócios da via [...] O sistema educacional nos Estados Unidos e nas Índias Ocidentais foi moldado por brancos e para jovens brancos, e do ponto de vista deles, ele se encaixa bem em seus propósitos [...] Os exemplos de bravura e virtude em que suas mentes são alimentadas são exclusivamente exemplos brancos (Harrison, 2020, p. 184-185).

O que Harrison nos auxilia a pensar, é como a educação, dentro de seu parâmetro universalista, foi pensada, estruturada e aplicada em prol de um grupo bastante específico da sociedade, o grupo que Cida Bento (2017) nomeia como Branquitude. Ao continuar refletindo sobre o sistema educacional, Harrison (2020) percebe que nesse mesmo local, pensado e feito para jovens brancos e seus respectivos privilégios, foram aglutinados outros sujeitos racializados, os quais foram postos em formação dentro de um sistema de conhecimento e experiências que os caracterizam como subalternos. Nas palavras do autor,

> O que parece escapar da atenção é o fato de que o menino Negro e a menina Negra, recebendo a mesma instrução (ainda que pior), também recebem a mesma noção de lugar e participação do Negro na vida como as crianças brancas recebem. É de admirar, então que eles aceitem tão prontamente o status de inferiores; que eles [meninos e meninas negras] tendem a menosprezar a si mesmos, e se consideram valiosos apenas na medida em que parecem, agem e pensam como brancos? (Harrison, 2020, p. 185-186)

As questões exploradas por Hubert Harrison em 1920, no contexto das Índias Ocidentais e EUA, não são distintas do que verificamos no Brasil contemporâneo e ao longo de sua história,

[3] Compreender a escola como um estabelecimento social é entender que suas práticas são indissociáveis da sociedade em que está inserida. Exemplificando, uma sociedade racista terá em suas instituições escolares uma reprodução deste racismo. Ver em: MAFRA, L.A. A Sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 109-136.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

pois, o que reverbera em suas escolas são as mesmas problemáticas encontradas nas ruas de suas cidades. Na prática de uma violência materializada ou simbólica, é na escola que os(as) jovens brasileiros(as) aprendem que são diferentes[4], seja por orientação sexual, por questões fenotípicas, por questões linguísticas ou tantas outras. As intelectuais negras brasileiras, Fátima Santana Santos e Ladjane Alves Sousa (2022), elucidam essa realidade da perversidade escolar em relação à alunos racializados,

> O ambiente escolar também privilegia e beneficia determinados grupos sociais, traduzindo e reproduzindo práticas racistas que incidem de forma violenta e negativa na vida das meninas e meninos, pretas e pretos (Santos e Sousa, 2022, p. 483.).

O antropólogo congolês-brasileiro Kabengele Munanga (2023) chama atenção para a reflexão dessa realidade em um contexto de múltiplas violências provocadas pela educação, assim como aponta para o caráter dicotômico do espaço escolar. Ele ressalta que,

> Através da educação, se forma pessoas machistas, sexistas, homofóbicas. Tudo passa pela educação. E só a própria educação pode corrigir esses monstros que formou e também criar novos jovens, cidadãos, para saber como conviver com as diferenças e com a diversidade (Munanga, 2023).

Assim, configuramos o sistema educacional como uma problemática imensa, um cosmos social em que as representações de como a sociedade funciona se intensificam na construção de novos sujeitos integrantes dessa sociedade. Em um cenário contemporâneo em que a mudança de realidade se torna cada vez mais afunilada, não se sabe em que momento a educação realmente vale como caminho para uma mudança de vida.

A partir de 2016[5], no pós-golpe sob o Governo da presidenta Dilma, o cenário político brasileiro e no mundo presenciou a ascensão de uma onda conservadora de raízes de uma ultra-direita reacionária, fato que impactou diretamente a realidade da educação pública no Brasil, que, ao decorrer dos anos 2000 e 2010 presenciaram uma modificação através das políticas afirmativas que proporcionaram à pessoas negras, periféricas e marginalizadas, através da educação básica pública, uma forma de fugir do determinismo que abrange estes sujeitos que nasceram na

---

[4] A problemática educacional brasileira é a reprodução efetiva de sua sociedade racista, realizando, portanto, uma dinâmica perversa de subalternização daqueles alunos negros, mesmo dentro do sistema educacional. A psicanalista e psiquiatra brasileira Neusa Santos Souza nos ajuda a refletir sobre a construção desse racismo: "A sociedade escravista ao transformar o africano em escravo, **definiu o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar, os padrões de interação com o *(mundo)* branco e instituira o parelelismo entre o negro e a posição social inferior**". *(grifos nossos adicionado).* SOUZA, Neusa Santos. 2021. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar. 2021. pg. 48.

[5] Golpe no Governo da presidenta Dilma e ascensão esmagadora de um neoliberalismo e da extrema-direita em todo o continente, mas, sobretudo, no território brasileiro. Processo que desencadeou as medidas provisórias reacionárias de Michel Temer em 2017 e, posteriormente, a ascensão do conservadorismo de extrema-direita de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

periferia do sul global. Uma das formas de fragilização e retrocesso que a educação sofreu, e vem sofrendo nos últimos nove anos, foi a implementação do chamado "Novo" Ensino Médio (de Souza Côrrea, 2018; Süssekind, 2019; Costa, Silva, 2019; Cássio, Goulart, 2022), sobre o qual aprofundaremos a análise posteriormente no texto.

Munanga (2023) afirmou que só a educação é capaz de alterar a realidade efetiva, e os Movimentos Negros (Gomes, 2019) são a prova disso. Todavia, precisamos nos atentar e analisar as forças reacionárias que tentam barrar os avanços de uma educação plural, que preza pela autonomia e criticidade de seus alunos (Freire, 2014).

O objetivo deste trabalho é evidenciar como a escola foi re-estruturada por meio das reivindicações dos Movimentos Negros no Brasil, no entanto, as estruturas educacionais ainda não fornecem uma emancipação plena da população negra brasileira, sobretudo da população negra periférica. Analisamos essas especificidades através de uma leitura histórica da educação no país, acompanhando as alterações nesse processo histórico, buscando elucidar as rupturas e continuidades. Dessa forma, analisamos dados do acesso de pessoas negras nos Institutos de Ensino Superior (IES) de 2010-2022, de maneira a salientar qual população negra foi atingida, de fato, com as políticas educacionais previstas (Lei 10.639/03 e Lei 12.711/12) em comparação com os dados de violência exercida sobre a população negra periférica, com ênfase na juventude. Por fim, buscamos analisar as proposições reacionárias que propõe barrar essa proposta educacional dos Movimentos Negros, sobretudo, analisando o caso do "Novo" Ensino Médio. Dedicaremos um capítulo especial para retratar como as disposições discutidas no trabalho se relacionam profundamente com os debates do Afropessimismo (Hartman, 1997; Sexton, 2011; Wilderson III, 2017, 2020; Vargas, 2017; Soares, 2022) , sobretudo, aqueles que se referem à realidade social brasileira.

Breve história da educação para a população negra no Brasil

A História da educação em países colonizados é uma história compartilhada e repleta de semelhanças. Essa educação, em seu início, foi planejada para atender às altas classes dominantes, excluindo indivíduos que não pertenciam a elas (Varela; Alvarez-Uria, 1992). Juntamente a esse cenário, vemos um contexto educacional, ao longo do século XX, que buscou unificar a população nos ideais nacionalistas[6] (Dias, 2004). Esse processo buscou enfatizar um sentimento de anestesiamento das massas[7], em prol de construir uma burguesia nacional que pudesse reproduzir,

[6] É interesse se atentar à construção do Estado-Nação Brasil, no que se refere ao papel da educação da formação de cidadão, pois, como bem alude Neusa Santos Souza (2021) e Clóvis de Moura (2021) a condição de cidadão, ou seja, de sujeito pertencente e atuante na nação, nunca foi previsto para a população negra. Sobretudo, ao analisarmos a história da educação no Brasil que negligencia a participação de populações racializadas.

[7] A ideia de "anestesiamento das massas" se introduz num espectro de compreender a educação como agente estatal na produção do "cidadão de bem". Ou seja, aquele que terá sua educação escolarizada realizada para levar, com seu trabalho, o seu país ao progresso. Essa ideia de escola desconsidera, portanto, a criticidade deste indivíduo, o

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

mesmo pós-independência, as dinâmicas coloniais. Poderíamos compreender esse fato a partir da *colonialidade do poder*, de Aníbal Quijano (2005), ao aplicá-lo no âmbito educacional.[8]

A compreensão de ambos os fatores que envolvem a história da educação nos países colonizados torna-se central para notarmos o quanto esse estabelecimento social (Mafra, 2003) nunca foi, propriamente, pensado para nós. Ao contrário, foi estruturado, desde seu início, para valorizar um conhecimento eurocêntrico, preparando seus alunos a reproduzirem as perversidades enraizadas na sociedade colonial.

A "questão negra" e a educação no Brasil independente

Refletir sobre a realidade da população negra no território brasileiro é notar que a escola nunca foi pensada para pessoas negras, marginalizadas e periféricas (Fonseca, Barros, 2016). Noemi Santos da Silva (2021), historiadora brasileira, nos auxilia a enxergar essa realidade quando evidencia que,

> Embora a Constituição[9] assegurasse a instrução pública primária como um direito de todos os cidadãos brasileiros. Para ser cidadão, era necessário ter nascido em território nacional, ser livre ou liberto. **Escravizados**, por não serem considerados cidadãos, **não seriam autorizados a frequentar escolas públicas** (Silva, 2021, *grifos nossos*).

O apontamento de Silva nos ajuda a compreender o que é a escolarização para pessoas negras no contexto brasileiro[10] no início das iniciativas educadoras no Brasil. Ela prossegue sua análise ao enfatizar que a autonomia legislativa do Brasil pós-independência fornecia a cada região uma normativa legal independente a ser seguida, todavia, o impedimento ao acesso à educação para pessoas negras sempre foi uma prática recorrente (Moacyr apud. Fonseca, 2016, p. 27).[11]

---

preparando para as fábricas. A autora Zimbabuana, Tsitsi Dangarembga cita este processo na sua trajetória como mulher negra nascida na Rodésia do Sul, ex-colônia britânica: "Essa educação permitiria que [...] fossem ainda mais úteis ao império [...] **A maneira pela qual eles seriam úteis ao império era educando outros corpos pretos sobre suas regras, entregando-lhes assim uma nova geração de corpos úteis**." DANGAREMBGA, Tsitsi. **Preta e mulher** / Tsitsi Dangarembga. trad. Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2023. pg. 22-23. (*grifos nossos*)

[8] A escola é um estabelecimento social, como antes mencionado, sendo construída nas consequências da perversidade colonial, já que ela foi formada a partir de ideais eurocêntricos. Logo, a compreensão de que mesmo (ou, principalmente) após independência, a escola serviu como aparelho do estado, sendo uma instituição de poder, de vigilância e preparação de "bons cidadãos".

[9] A constituição a qual ela se refere é a de 1824, a primeira constituição brasileira. Ver em: BRASIL. CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824), **Carta de Lei de 25 de Março de 1824.** Disponível em: https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/viwTodos/e964c0ab751ea2be032569fa0074210b?OpenDocument&Highlight=1,&AutoFramed Acesso: 09/07/2024.

[10] Vale ressaltar, a ponto de aprofundamento da questão, que houve uma escola, por iniciativa individual, criada para pessoas negras (pretas e pardas) no Brasil do século XIX, a Escola do Professor Pretextato. Ver em: DA SILVA, Adriana Maria Paulo. **A Primeira Escola Exclusiva para Negros no Brasil**. Portal Geledés. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-primeira-escola-exclusiva-para-negros-no-brasil/ Acesso em: 28/02/2025.

[11] Ou seja, existia a lei nacional brasileira, baseada na constituição, mas também havia uma certa autonomia das regiões em promulgar suas próprias legislações. Um exemplo disso está no trecho a seguir. "Lei de 1837, da província de São Pedro do Rio Grande do Sul: "são proibidos de frequentar as escolas públicas: 1o . as pessoas que padecerem de

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Essa prática de afastar a população negra brasileira das mais diversas fontes de sobrevivência, como educação, terras e trabalho (Brasil, 1850)[12], aconteceu sistematicamente no Brasil independente, principalmente, no pós-abolição.

Entretanto, ao fim do século XIX, as filantropias e instituições militares brasileiras viam nessa "questão negra" uma iniciativa lucrativa. É nesse contexto que a educação passa a ser compreendida como meio de produção de uma "mão de obra disciplinada". Silva (2021) nos auxilia a enxergar isso ao chamar a atenção para,

> Por falar em trabalho, durante o final do século XIX, o tema era supervalorizado nas discussões das elites e governantes sobre o futuro dos libertos e as expectativas de assimilação deles na sociedade livre. Pensava-se em projetos públicos que garantissem a **manutenção das estratégias de dominação escravistas**, para amenização dos receios da classe proprietária. Nesse sentido, a **educação era vista como uma das vias de introjeção dos ideais de disciplina e valorização do trabalho,** um verdadeiro antídoto **para que os negros se mantivessem em lugar de sujeição** (Silva, 2021, *grifos nossos).*

Esse projeto de educação moralista e direcionada ao universo laboral foi difundido nos planos neocoloniais do século XX, sobretudo nas colônias britânicas da África Austral. A escritora e cineasta zimbabuana, Tsitsi Dangarembga (2023), em seu livro *Preta e Mulher*, ressalta como seus pais e ela foram um produto dessa educação colonial.

> A mistura de colonialismo e religião que deu origem à cultura missionária na Rodésia do Sul moldou as trajetórias de meus pais e as trajetórias de muitos outros africanos… por meio do desejo de estudar (Dangarembga, 2023, p. 14).

Tal apontamento nos ajuda a mensurar o quanto o projeto colonial estruturou um projeto educacional que primeiro excluísse os sujeitos melanizados[13] e, posteriormente, por meio do mesmo instrumento escolar, proporcionasse a esses indivíduos um local em que seriam "moralizados"; "anestesiados"; "civilizados" (Cynthia, 2016)[14]. Fundamentamos, desse modo, a análise em

---

moléstias contagiosas; 2º **Os escravos e pretos ainda que sejam livres ou libertos**." (*grifos nossos adicionado)* MOACYR, Primitivo apud. FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya(Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016, p. 27.

[12] Já mencionamos sobre o caso educacional, já no âmbito de terras, temos a Lei de Terras de 1850, promulgada para enfatizar um Brasil latifundiário. Ver em: BRASIL. **LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850**. Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lim%20601-1850?OpenDocument Acesso: 09/07/2024. No que se refere ao âmbito do trabalho, com a investida em mão de obra imigrante europeia, o negro brasileiro se viu à margem de uma sociedade que não lhe queria. Ver em: CÁ, Glória Augusto. **Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas do século XIX e início do século XX (1870-1930).** 2018.

[13] A escolha do termo melanizado se faz como proposta expositiva de sinônimo à população negra, muito utilizado pela cineasta e romancista Zimbabuana Tsitsi Dangarembga (2023)

[14] "Pelo censo de 1872, em Minas Gerais, num total populacional de 2.039.735 habitantes, 703.952 foram registrados como pardos e 471.786, como pretos, somando ambos os grupos 57,6% da população total da província (ALENCASTRO, 1997, p. 474). Isso indica para uma característica bem mestiçada da população mineira, a quem cabia "civilizar" a sua cor pela escola. Entretanto, foram muitas as tensões para a implantação da obrigatoriedade escolar. Os

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Dangarembga (2023) para demonstrar o quanto tal fato não se torna uma particularidade latino-americana, mas sim, de todo o mundo colonizado.

Todo esse processo que estamos elucidando produz na população melanizada uma falsa sensação de pertencimento. Um pertencimento nunca integralizado a um mundo que os rejeita; este mundo produzido pelo branco (Fanon, 2020, p. 5; Souza, 2021, p. 28-29).[15]

Dangarembga (2023, p. 20, *grifos nossos*) ressalta que: "**As feridas que o império causa** na minha parte do mundo - a África Austral - **são peculiares porque vieram fantasiadas de presentes**". Enfatizamos, aqui, uma regionalidade mais ampla do que somente a África Austral. Por isso, a educação escolarizada torna-se um paradoxo ao mundo negro. Ela é vendida como um presente, mas este presente custa-lhe a vida. Nesse sentido, podemos resgatar Munanga (2023) quando chama a atenção do papel da educação na correção dos próprios monstros que ela formou.

Esse apontamento do autor é fundamental para compreendermos este trabalho. Ao ressaltar que só a educação tem o poder de alterar a si mesma, Munanga nos convida a refletir o quanto essa educação eurocêntrica, exclusiva e violenta, vem sendo alterada, proporcionando a estes mesmos indivíduos, anteriormente excluídos, o acesso a um novo mundo. No que diz respeito a essas possibilidades, a seção a seguir buscar evidenciar o papel dos Movimentos Negros nesse processo.

Os Movimentos Negros e a nova educação

> Quanto mais a população negra liberta passava a figurar na história com o *status* político de cidadão (por mais abstrata que tal situação se configurasse no contexto da desigualdade racial construída pós-abolição), **mais os negros se organizavam e reivindicavam escolas que incluíssem sua história e sua cultura** (Gomes, 2008, *grifos nossos*).

O trecho acima, de Nilma Lino Gomes (2008), nos guia a compreender como o projeto educacional eurocêntrico e hegemônico foi re-estruturado pelos movimentos sociais, sobretudo, pelos Movimentos Negros no Brasil[16].

---

conflitos podem ser pensados num imaginário de sociedade constituída de população rude a ser educada." Ver em: VEIGA, Cynthia Greive. "Promiscuidade de cores e classes": tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In. FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya(Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016, p. 282.

[15] Frantz Fanon enxerga esse processo como fundamental para compreender a crise existencial negra . Ele salienta que: "A civilização branca e a cultura europeia impuseram ao negro um desvio existencial". FANON, Frantz. Introdução. In. _____. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo. Ubu Editora. 2020. p. 5. No Brasil, Neusa Santos Souza, partindo de um arcabouço analítico semelhante a Fanon, nos auxilia a pensar nessa dinâmica dentro da sociedade brasileira. Ela ressalta que o sujeito negro, "Hipnotizado pelo fetiche do sujeito branco, ele está condenado a negar tudo aquilo que contradiga o mito da brancura [...] O negro, no desejo de embranquecer, deseja nada mais, nada menos do que a própria extinção." SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar. 2021. p. 28-29.

[16] Utilizamos ao longo do trabalho a pluralidade dos "Movimentos Negros" pois, como alude Joel Rufino dos Santos (2015), "Aquilo que os próprios militantes negros convencionaram chamar de movimento negro, no entanto, eram na verdade cerca de 400 entidades, de diversos tipos, frouxamente articuladas." (dos Santos, p.20. 2015), ou seja, além da pluralidade de organismos de mobilização negra, recreativa, religiosa, política e culturais, ainda temos a percepção de

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Historicamente, temos grandes nomes negros na literatura, no direito, no teatro brasileiro etc. Mas, a partir de todo o contexto abordado nos tópicos anteriores, parece difícil veicular uma relação entre essa participação intelectual negra na construção educacional brasileira.

Como explicar Machado de Assis, Lima Barreto, Doutor Luiz Gama, Ruth de Souza, Carolina Maria de Jesus, Abdias do Nascimento, Matilde Ribeiro, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e tantos outros nomes, em um território que, desde a implementação das normativas educacionais escolarizadas, negou o acesso à escola para estes corpos melanizados?

A resistência negra, seja por quilombos, favelas e mesmo no ambiente rural/quilombola, sempre manteve o aporte de letramento, muitas vezes no âmbito da oralidade, como fundamental para a organização e emancipação social. Nesse sentido, temos nessas mobilizações sociais negras, ao longo da história do Brasil, uma das fontes propulsoras de mudanças efetivas na sociedade brasileira, apesar de algumas contradições, sobretudo na instituição escolar.

Desde a Imprensa Negra como por exemplo *O Clarim; O Xauter; Getulino etc.* (Veiga, 1978; Pinto, 2010), passando pela Frente Negra Brasileira, em toda a sua contradição[17] (Santos, 1984), o Teatro Experimental do Negro (Nascimento, 2004), até chegar no Movimento Negro Unificado (Gonzalez, 2020, p. 68-69), temos as estruturações de uma normativa educativa fervorosa em prol da emancipação destes indivíduos racializados.

Gomes (2008, p. 100), uma das mais importantes intelectuais negras contemporâneas afirma que,

> É possível afirmar que **Movimento Negro apresenta**, historicamente, **um projeto educativo**, construído à luz de uma **realidade de luta.** Esse projeto se choca, muitas vezes, com a racionalidade hegemônica que impera na teoria social e pedagógica (Gomes, p. 100. *grifos nossos).*

Isto significa que, a proposta educacional vinculada aos Movimentos Negros propõe a emancipação destes corpos, destas epistemologias e subjetividades que foram marginalizadas no processo educacional hegemônico. Propõe, portanto, que outras visões de mundo sejam aceitas, que exista diversidade, efetivamente, nas escolas de educação básica e nas universidades ao redor do país.

---

uma raíz geracional que aprofunda a compreensão da existência de MovimentoS NegroS, em contradição a uma falsa homogeneidade.

[17] Mais adiante no trabalho, abordamos contradições dos Movimentos Negros na contemporaneidade, destacando que tensões de cunho conservador não são fenômenos recentes. Desde os anos 1920-40, organizações como a Frente Negra Brasileira e a Organização dos Homens Pretos já demonstravam vínculos com grupos como a Ação Integralista Brasileira. Por isso, é importante evitar leituras anacrônicas, pois tais articulações refletem dinâmicas históricas específicas e não devem ser interpretadas à luz do espectro político atual. Ver em: Santos, Paulo Roberto dos. **Instituições afro-brasileiras:** a prática de uma contemporaneidade. Rio de Janeiro. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1984; SANTOS, Joel Rufino dos. A Luta Organizada contra o racismo. In. ____. **Saber do Negro.** Rio de Janeiro. Pallas, 2015.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Nesse sentido, os Movimentos Negros trouxeram ao longo dos anos a educação para um debate politico e social. Enfatizando a importância do letramento da população, não para o projeto de "anestesiamento de massas", mas para a produção de mentes pensantes, de criticidade[18].

Parte das conquistas dessas reivindicações dos Movimentos Negros no Brasil, até o início dos anos de 2010, são expressadas dentro do arcabouço legislativo, sendo vísiveis na sequência de leis: Lei 10.639/03[19]; Lei 11.645/08[20] e na Lei 12.711/12[21].

Podemos ressaltar, na contemporaneidade, a reivindicação ativa de teorias-metodológicas e práticas de pedagogias outras que lutam contra essa ostensiva repressão promovida no/pelo ambiente escolar. Aqui fazemos alusão, especialmente, aos referenciais teóricos Pretagogia de Sandra Petit (2015) e Crespogogia de Fátima S. Santos e Ladjane Alves Sousa (2022).

Essas propostas de educação se chocam com os projetos educacionais (reacionários) vigentes no mundo; chocam-se com as propostas de embranquecimento do Brasil, com o projeto de genocídio da população negra periférica, uma vez que produz esperança na mente das crianças, jovens e adultos negras(os) brasileiros(as).

Dados sobre a educação e a realidade factual da situação da população negra periférica no Brasil

> Várias famílias, Vários Barracos…
> **500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou**…
> Isso é reflexo da nossa atualidade.
> Esse é o espelho derradeiro da realidade.
> Não é areia, conversa, chaveco.
> Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco.
> Ser empresário não dá, **estudar nem pensar**.
> **Tem que trampar ou ripar para os irmãos sustentar.**

---

[18] Um exemplo prático disso é o Teatro Experimental do Negro (TEN) de 1944, espaço político idealizado por Abdias do Nascimento, que percebendo o apagamento de pessoas negras nas artes cênicas e a utilização do Black Face para retratar estes sujeitos, idealizou um espaço onde o negro poderia atuar. O TEN também serviu como ambiente de alfabetização, já que era composto em sua maioria por trabalhadores analfabetos, ou seja, não somente um espaço de reivindicação cultural, mas, também, de formação educacional não-escolarizada. Ver em: NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos avançados**, v. 18, p. 209-224, 2004.

[19] "Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências." Ver em: BRASIL. **LEI 10.639/2003 DE 09 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 09/07/2024.

[20] "Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Ver em: BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 09/07/2024.

[21] A Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas universidades federais e institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos; alunos autodeclarados PPI (Pretos, Pardos e Indígenas), assim como, alunos Quilombolas e PCD's. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência. Ver em: BRASIL. **LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 09/07/2024.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

> Ser criminoso aqui é bem mais prático.
> Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático.
> Será instinto ou consciência.
> Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência (Racionais Mc's, AfroX, 2002, *grifos nossos*.)

O trecho da canção dos Racionais Mc's acima, demonstra o caráter dualista dentro da mente de um sujeito da periferia, que em sua maioria é negro. Essa dualidade se dá no anseio de alterar a sua realidade, incentivando-se a conquistar algo para ser compreendido dentro do sistema social como cidadão. A letra dos Racionais Mc's (2002) reflete a impossibilidade desse caminho ser traçado através da educação ao afirmar que, "ser empresário não dá, estudar nem pensar" (Racionais Mc's, 2002).

Ao refletir sobre isso questionamos sobre a realidade da educação brasileira para com a população periférica em um cenário posterior à Lei 10.639/2003, em que a educação vem sendo re-moldada através das mobilizações dos movimentos negros como supracitados. Hoje notamos o quanto ela (a educação) se tornou um acesso de mudança de vida. Isso não é graças ao projeto educacional hegemônico, mas sim, à mudança provocada pela mobilização social. Sobre isso, Gomes (2008, p. 100), salienta que,

> Considero os processos e **projetos educativos construídos pelo Movimento Negro** no Brasil e também na América Latina como **emancipatórias.** A emancipação, entendida como transformação **social e cultural**, como **libertação do ser humano**, sempre esteve presente nas ações da comunidade negra organizada, tanto no período da escravidão quanto no pós-abolição e a partir do advento da República (Santos. apud. Gomes, 2008, p. 100, *grifos nossos).*

Essa é a *práxis* de uma teoria difundida na resistência negra. A composição da dialética propõe que o algoz produz seu próprio fim. Nesse caso, a perversidade da educação colonial provocou, a partir da tentativa de produzir negros "civilizados", a resistência crítica dos índividuos que eram subalternizados.

Tal normativa impactou a realidade brasileira a tal ponto, que atualmente, na segunda década do século XXI, vivemos a estruturação de uma classe docente das instituições de ensino superior (IES) sendo ocupadas por pessoas negras, como acontece em algumas universidades brasileiras[22] - ainda que muito pouco - já demonstra a efetividade desse processo de emancipação.

Embora ainda mantenham aspectos de violência e dificuldades, esses eventos são confrontados por mudanças significativas, ainda que lentas. A manchete da CNN Brasil de agosto

[22] Ressalva o caso de Nilma Lino Gomes como a primeira mulher negra reitora de uma universidade federal no Brasil, a UNILAB, Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, durante 2013-2014. Disponível em: https://unilab.edu.br/reitoria-2013-a-2014/ . Acesso em: 20/03/2025.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

de 2022 enuncia essas mudanças, *"Negros e pardos em universidades federais passam de 41% para 52% em dez anos | CNN Brasil"*.

Ao analisar todo o conjunto de informações descritas acima e revisar a notícia da CNN, podemos acreditar que essa realidade, de que as populações negras se emancipam através da educação, possa parecer verídico, mas na realidade reflete sobre a visão de casos específicos e excepcionais. Ou seja, a educação não tem sido emancipatória para a maioria da população negra brasileira, sobretudo a periférica, buscaremos compreender esse processo.

Ao nos questionarmos se a educação projetada pelos Movimentos Negros tem as potencialidades necessárias para alterar os paradigmas e estruturas coloniais e pós-coloniais mantidas na sociedade brasileira, seja dentro da educação ou fora dos muros da escola, notamos que o que tem acontecido, na realidade, é o anestesiamento da participação dos Movimentos Negros de base descritos por Lélia González (2020, p. 94-112),

> Enquanto o **movimento negro se desenvolveu a partir sobretudo de setores das classes médias negras**, o movimento de favelas se organizou a partir do subproletariado urbano em associações de moradores (González, 2020, pg. 91. *grifos nossos*).

Lélia González nos auxilia a compreender que parte dos Movimentos Negros tem sua gênese na classe média social (González, 2020; Santos, 2015), por se tratarem de indivíduos particulares inseridos no contexto acadêmico, mas que até então - o texto de Lélia é de 1980 - esses Movimentos Negros estão interligados a outros, como por exemplo, o movimento de favelas e associações de bairro e moradores, os quais eram compostos, em sua maioria, por população negra periférica.

O que se inicia ao começo dos anos 2000, mas, principalmente após 2012 e 2016, é a promoção de uma apatia que vai degradando e dividindo os Movimentos Negros intelectuais em um grupo que associa-se a setores privilegiados da sociedade e se distancia daqueles com os quais se relacionava (Movimentos de Favela; Associações de Bairro Periféricos etc.).

Portanto, a nova geração do Movimento Negro Contemporâneo, a qual resplandece e formam uma classe média negra, tem como principais objetivos a inserção de "projetos anti-racistas na esfera político-institucional como espaço de ação" (Domingues, 2008, p. 118). Essa inserção na esfera político-institucional promoveu dois principais contextos, são eles a formação de índividuos negros conservadores, como, Sérgio Nascimento de Camargo[23], figura problemática que é filiada ao Partido Liberal (PL) da extrema-direita brasileira; Celso Pita, o qual foi apoiado por parte dos Movimentos Negros (principalmente o MNU), e que foi um Prefeito que colocou-se "à serviço dos

[23] Vale ressaltar que Sérgio Nascimento de Camargo é filho do ilustre poeta do Movimento Negro Brasileiro dos anos 50-70, Oswaldo de Camargo. O filho de Oswaldo desconsidera o legado do pai, reivindicando posições controversas de conservadorismo reacionário.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

interesses de alguns setores da elite tradicional - coincidentemente branca" ignorando, assim, "pauta de reivindicações do movimento negro" (Domingues, 2008, p. 115), entre outros exemplos mais contemporâneos como Augusto "Guto" Zacarias, que é deputado do União Brasil e figura extremamente problemática no que diz respeito à atuação na promulgação da tese de "racismo reverso"; por fim, o "historiador" Fernando Holiday, filiado ao Partido Liberal (PL). Parte dessas figuras estão relacionadas de alguma forma aos Movimentos Negros, em seus setores conservadores, mas, também, consideramos aqui a atuação ineficiente dos setores progressistas dos Movimentos Negros em impedir o alcance do discurso desses sujeitos.

O segundo eixo é de caráter racialista (Guimarães, 2002, p. 105) em que se empenham em discussões sobre quem é negro ou não é, dificultando a alteração dessas estruturas de perversidade.[24] O professor e historiador brasileiro Petrônio Domingues (2008, p. 119) evidencia tal fato ao ressaltar que:

> A vigência de políticas reparatórias, por si só, é uma confissão do poder público no que diz respeito à existência de racismo e de um problema específico das pessoas de ascendência africana no Brasil [pessoas pretas]. Ademais, na medida em que tais programas estabelecem critérios fixos para definir quem é negro, podem cooperar para a polarização das categorias raciais no País, colocando em xeque, a ideologia da mestiçagem na sociedade brasileira (Domingues, 2008, pg. 119).

O que configura-se aqui, seja na particularidade dos sujeitos supracitados, os quais experienciam um aspecto racial de ser negro, mas exploram como caracterísitca política-partidária o reacionarismo, pode ser compreendido dentro de uma lógica plena do mundo moderno, em que, a experiência do negro para ser vista como pertencente, ontologicamente, deve seguir a idealização do que é almejado pelo Ser, ou seja, o Branco (Souza, 2021). Pensemos, por que nos últimos 9 anos, desde 2016, os movimentos reacionários no Brasil tendem a agrupar sujeitos racializados? Configura-se no âmbito de que estes que foram agrupados são àqueles pertencentes a uma classe social ascendente, majoritariamente média, que convivem em sua densidade e experiência de vida em um universo social branco e, portanto, tendem a ter como superego o Ser Branco (Souza, 2021). Essa realidade já foi elucidada por Neusa Santos Souza em 1980, em seu trabalho *Tornar-se Negro: vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.*

[24] As pautas racialistas dos Movimentos Negros no Brasil contemporâneo ganharam ainda mais palco na dimensão da midia digital, sobretudo, das redes sociais, incentivando o processo contemporâneo de linchamento (cancelamentos). Além disso, promoveu o esvaziamento de debates históricos e hiper-discutidos anteriormente, desmobilizando os setores sociais. Ver em: DE SOUZA, Matheus Trindade. **Encarceramento digital: A cultura do cancelamento e sua contribuição no adoecimento da população negra.** XVII ENPESS - Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora. Rio de Janeiro. 2022; MENDANHA JUNIOR, Fabrício Barbosa. **A cultura do cancelamento virtual: uma interdição no/pelo discurso**. 2021.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Ou seja, o seio da organização de uma classe média negra, potencializou a difusão de um contexto conservadorista entre esses sujeitos, pois, as experiências vivenciadas por eles são de um mundo branco em que eles são compreendidos como exceção.

A partir dessas contestações, elucidamos que, no decorrer desses processos, os Movimentos Negros Brasileiros tem em sua gênese um pertencimento à classe média, e ao longo do tempo, perdeu conexão com a realidade de miserabilidade de seus iguais. Tal processo vem sendo acompanhado por essas pautas (racialismo e conservadorismo) em detrimento de atuações pontuais para a alteração da realidade efetiva vigente, a qual segue sendo perversa. Os Movimentos Negros estão sendo aglutinados pela lógica da estrutura social da Branquitude brasileira, e não estão conseguindo organizar-se para romper com essa dinâmica.

No que se refere ao âmbito educacional e periférico, o poeta brasileiro, Sérgio Vaz, sintetiza a realidade por trás da proposta educacional dos Movimentos Negros em seu poema "A Vida é Loka":

> Esses dias tinha um moleque na quebrada
> com uma **arma de quase 400 páginas** na mão.
> Uma minas cheirando prosa, uns acendendo poesia.
> Um cara sem nike no pé indo para o trampo com o **zóio vermelho de tanto ler** no ônibus.
> Uns tiozinho e umas tiazinha no sarau enchendo a cara de poemas. Depois saíram vomitando versos na calçada.
> **O tráfico de informação não para**, uns estão saindo algemado aos diplomas depois de experimentarem umas pílulas de sabedoria. As famílias, coniventes, estão em êxtase.
> Essas vidas mansas estão esvaziando as cadeias e desempregando os Datenas.
> A Vida não é mesmo loka? (Vaz, 2016. *grifos nossos)*

O poema retrata a realidade dos jovens negros(as) brasileiros(as), enfatizando as duas realidades as quais estão determinados socialmente. No sentido do poema, esses sujeitos têm encontrado na educação a porta para longe do crime, para longe do determinismo genocida. Todavia, a educação tem se demonstrado cada vez mais distante dessa atuação na vida desses jovens.

De acordo com o CEDRA, Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais, de 2010 a 2019, percebemos mudanças significativas quanto ao acesso e parcela da população negra no contexto educacional, sobretudo, do Ensino Superior. Mostramos até aqui que essas mudanças são graças às modificações propostas pelos Movimentos Negros no Brasil. Vejamos, abaixo, o que demonstra a pesquisa do CEDRA:

> **A proporção de Negros entre os estudantes de Ensino Superior aumentou 12,7 pontos percentuais de 2010 a 2019.** O percentual de negros no Ensino Superior aumentou de 34,9% para 47,6% de 2010 a 2019. Já o de brancos diminuiu de

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

> 63,5% para 51,4%, no mesmo período, mesmo levando em conta que o percentual de negros na população aumentou de 50,7% em 2010 para 56,3% em 2019. *(*CEDRA, 2022. *grifos nossos)*

Os dados fornecidos pelo CEDRA nos apresentam um parâmetro de esperança para a mudança social, entretanto, o processo é muito lento se for confrontado com outros dados sobre as populações negras no Brasil. Vale ressaltar, que as evidências disponibilizadas a seguir surgem com uma análise superficial sobre os dados demonstrados, tendo em conta que, as realidades explicitadas são, consideravelmente, muito piores.

Começaremos nossa análise a partir de mais uma notícia da CNN Brasil (2024), que em consonância com a citação acima, demonstra uma realidade de esperança para a população negra no espaço de Ensino Superior, mas que nessa manchete retrata o seguinte, *Pesquisa: SP enquadrou 31 mil negros como traficantes em situações similares às de usuários brancos*. No decorrer da matéria temos a seguinte vinculação:

> Um estudo realizado pelo Núcleo de Estudos Raciais do Insper revelou que, em um período de **10 anos, entre 2010 e 2020**, a **polícia de São Paulo enquadrou 31 mil negros como traficantes** em situações similares àquelas em que brancos foram considerados usuários *(*CNN, 2024. *grifos nossos).*

Há, nessa notícia, uma porção de representações a serem categorizadas, mas, vale ressaltar, que algumas são pontualmente essenciais para nossa pesquisa. Na informação do CEDRA, supracitada, o período analisado é o mesmo que o da matéria da CNN Brasil, 2010-2020[25], isto é, no mesmo período em que existe um aumento de 12,7% de Negros em cursos de ensino superior, também existe, somente em São Paulo - sem levar em consideração outras regiões do país, o que deixaria ainda mais alarmante - a polícia enquadrou 31 mil negros como traficantes. Ou seja, voltamos à análise do poema de Sérgio Vaz e refletimos: e quem não encontra a salvação na educação, onde está?

Um segundo ponto de análise é fornecido a partir do ímpeto de que esses 31 mil jovens foram enquadrados como traficantes, em situações em que o branco é posto como "usuário", ou seja, há também um elemento ao qual Clóvis Moura (2021, p. 27.) nos elucida perfeitamente em que, *"*Quando se fala do negro brasileiro costuma-se dizer que ele é ótimo escravo e, atualmente, é péssimo cidadão*"*, isto é, existe aqui a personificação da marginalidade em um corpo; um corpo melanizado, enquadrado como marginal por ser quem é, por ser negro, por vir de onde vem.

A realidade demonstrada a partir desse dado evidencia uma profunda problemática na análise social brasileira. Existe, de fato, uma maior porcentagem de população negra nas

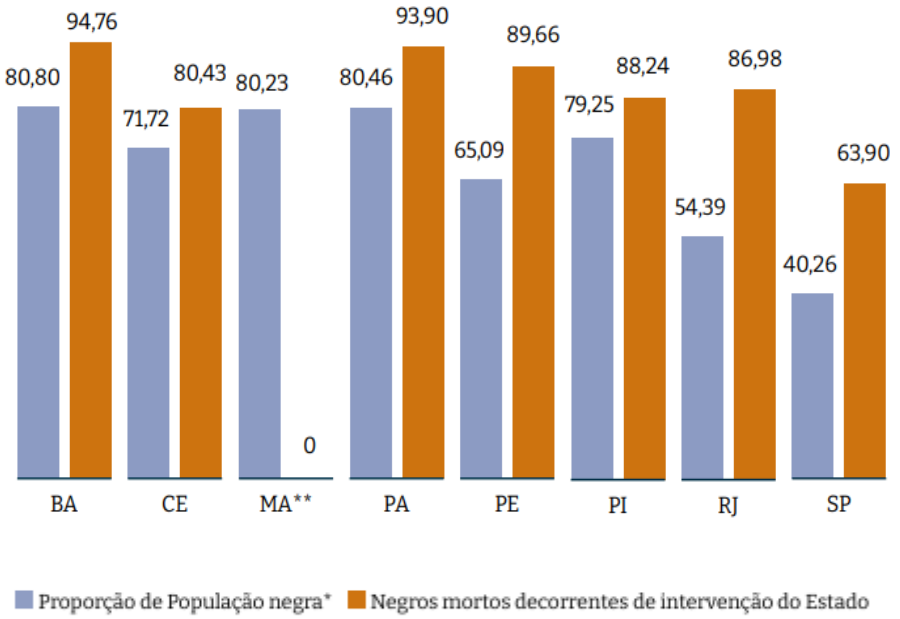
[25] Seria 2019 no caso do CEDRA, mas não modifica muito a realidade apresentada.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

universidades, mas isso não impede que as violências sociais prossigam, tendo como alvo, preferencialmente, esses corpos.

A seguir, apresentamos uma tabela retirada do relatório "Pele Alvo: A Bala Não Erra o Negro" (RAMOS, et al…, 2021, p. 9.), em que veremos a proporção de população negra e a proporção de população negra morta em intervenção do Estado.

Gráfico 1 - Proporção de população negra e proporção de mortes de pessoas negras decorrentes de intervenção do Estado - estados monitorados pela Rede de Observatórios (em %).



Fontes: SSP-BA, SSPDS-CE, SSP-MA, SEGUP-PA, SDS-PE, SSP-PL ISP-RJ, SSP-SP Elaboração: Rede de Observatórios da Segurança *Somatório de pretos e pardos conforme o critério estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **O estado não forneceu dados discriminados por cor ou raça.

A tabela acima, explicita uma realidade comum dentro do âmbito social brasileiro. Explicita a política de extermínio contra as populações negras do país (Nascimento, 2004). Os dados de morte por intervenção do Estado são maiores que os dados da proporção de população negra. Esse fato evidencia muitos aspectos:

> No entanto, a cor de quem morre não mudou. **Do total de mortos pela polícia em 2022, os negros foram 94,76%**, enquanto na população, segundo dados da Pnad do mesmo ano, a população negra na Bahia representa 80,80%. A maioria (74,21%) tinha entre 18 e 29 anos quando foi morta. *(*RAMOS, et al, p. 20, *grifos nossos)*

Os dados retratam uma realidade cruel, que ao ser comparada com a primeira notícia da CNN Brasil (2022) sobre o acesso à educação, citada neste trabalho, parece ser algo cômico e trágico. Não é de se comemorar esse acesso à educação superior sendo que ele é quase nulo em

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

comparação à porcentagem de população negra - periférica - morta. Os dados sobre a educação superior surgem como uma maquiagem, uma cortina para esconder o constante processo de genocídio.

Vejamos uma outra realidade em que a população negra está determinada, dentro da sociedade brasileira. Segundo a manchete do jornal Agência Brasil, "*População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica. Em 2022, havia 442.033 negros presos, diz FBSP"*

O Fórum Brasileiro de Segurança Pública afirma, ainda, que:

> **O sistema prisional brasileiro escancara o racismo estrutural.** Se entre 2005 e 2022 houve crescimento de 215% da população branca encarcerada, houve crescimento de **381,3% da população negra.** Em 2005, 58,4% do total da população prisional era negra; **em 2022, esse percentual foi de 68,2%, o maior da série histórica** disponível. Em outras palavras, **o sistema penitenciário deixa evidente o racismo brasileiro. A seletividade penal tem cor.** No que diz respeito à faixa etária, **a maior parte da população encarcerada continua sendo de jovens entre 18 e 29 anos**, compondo 43% do total. No ano de 2021, esse percentual era de 46,3%; a ligeira queda, contudo, não muda o cenário geral. **O perfil da população encarcerada é o mesmo da população que mais morre: jovens e negros.** *(*Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. *grifos nossos)*

Os trechos grifados, sobretudo os que abordam sobre a faixa etária, são jovens sendo mortos e presos, isto nos enuncia uma realidade trágica. Há uma política de extermínio sendo posta em prática, e se a analisarmos a partir de um processo histórico, ela percorre os 500 anos da nação.

Visto que a realidade da população negra no Brasil é uma realidade genocida, dirigimos a reflexão para o questionamento sobre o papel da educação, o único caminho que poderia, em tese, modificar essa realidade. Todavia, como elucidamos acima, as reivindicações dos Movimentos Negros no Brasil foram uma re-estruturação da educação, mas não atingiram as estruturas pós-coloniais baseadas no racismo, no patriarcalismo e na divisão de classe.

Após o choque dos dados sobre o acesso ao ensino superior e a realidade factual da população negra no Brasil, destrincharemos uma outra realidade e ambiente em que o negro brasileiro continua sendo excluído, mesmo que as manchetes digam o contrário.

O "Novo" Ensino Médio: uma proposta reacionária e mais um golpe contra as populações negras

Dada à historicidade sobre a educação no Brasil e seu processo excludente com as populações marginalizadas (negras, indígenas, quilombolas e rurais), assim como demonstrado a partir das realidades através das violências físicas e psíquicas vivenciadas pela população negra no cenário brasileiro, buscaremos evidenciar aqui como a implementação do "Novo" Ensino Médio torna-se um processo reacionário a tudo aquilo que os Movimentos Negros no Brasil (Dos Santos

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Bengio, et al. 2022; Lima Junior, 2024; Vicenzi, Guarese, 2024), e outras figurações, conseguiram conquistar tendo como materialização as Leis 10.639/03, 11.645/08 e 12.711/12.

A historicidade por trás do projeto político do "Novo" Ensino Médio é longa, mas como propulsão focal, podemos rememorar a Medida Provisória[26] 746/2016[27], em contexto político conturbado, referente ao fim da sequência de um governo "progressista" no golpe de 2016 através do Impeachment da então Presidenta Dilma Rousseff. A implementação da Medida Provisória, já em 2016, foi articulada pela figura política de Michel Temer. Esse instrumento provisório com força de lei foi uma escolha arriscada, mas extremamente importante para compreender a dinâmica reacionária do que seria o então governo de Temer.

> Instituir uma reforma tão expressiva e controversa enquanto uma das primeiras ações pós-impeachment foi uma medida ousada. Desvelar porque [sic] esta Medida tramitou em caráter de urgência, e porque [sic] foram despendidos tantos esforços para a sua aprovação diante do contexto delicado em que se encontra a política brasileira, é tarefa urgente no campo das políticas educacionais(da Silva, Boutin, 2018, p.523).

O "Novo" Ensino Médio, promulgado através da Lei 13.415/17[28], é uma alteração em diversas camadas do que se configurava o Ensino Médio no Brasil, sendo explicitamente modificadora em alguns pontos factuais:

> (i) **flexibilização do currículo escolar**, com a implementação de itinerários formativos que permitiriam a escolha de percursos afins aos projetos de vida individuais dos/as estudantes; ii) **ampliação da carga horária total e do número de escolas de tempo integral**, beneficiando especialmente os/as estudantes do período noturno; e iii) qualificação profissional ao alcance dos/as estudantes que não tivessem o ensino superior como meta imediata (Cássio, Goulart, 2022, p.285. *grifos nossos*).

A elaboração desses pontos "positivos" os quais o "Novo" Ensino Médio estaria "resolvendo" são, em sua gênese, uma resposta imediatista ao processo de avanços das discussões étnico-raciais nas escolas e na entrada de população negra no ensino superior, pois desregulamenta

---

[26] Vale ressaltar o que são Medidas Provisórias. "As Medidas Provisórias (MPVs) são normas com força de lei editadas pelo Presidente da República em situações de relevância e urgência." CONGRESSO NACIONAL. **ENTENDA A TRAMITAÇÃO DA MEDIDA PROVISÓRIA**. Disponível em: https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/entenda-a-tramitacao-da-medida-provisoria#:~:text=As%20Medidas%20Provisórias%20(MPVs)%20são,situações%20de%20relevância%20e%20urgência. Acesso em: 14/02/2025

[27] Verifique o que previa a (MP), "**Determina que o ensino de língua portuguesa e matemática será obrigatório nos três anos do ensino médio**. Restringe a obrigatoriedade do ensino da arte e da educação física à educação infantil e ao ensino fundamental, tornando-as facultativas no ensino médio." CONGRESSO NACIONAL. **MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746, de 2016 - Reformulação Ensino Médio**. 2016-2017. Disponível em: https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992#:~:text=Determina%20que%20o%20ensino%20de,as%20facultativas%20no%20ensino%20médio. Acesso em: 14/02/2025

[28] BRASIL. **LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm Acesso em: 30/11/2024.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

o aprendizado das populações englobadas na escolarização pública, como citam Fernando Cássio e Débora Cristina Goulart (2022),

> (...) é o efeito **indutor de desigualdades do NEM**, previsto por uma profusão de especialistas em educação desde a edição da MP n. 746/2016, e que agora pode ser demonstrado nas análises dos dados públicos da implantação da reforma, paulatinamente disponíveis nas secretarias estaduais (REPU, 2022). Como esperado, **as escolas de estudantes mais pobres estão sendo submetidas a um esvaziamento curricular** muito mais profundo do que aquelas que atendem jovens mais privilegiados. **Falta infraestrutura, faltam professores/as e faltam políticas de permanência estudantil para permitir que jovens trabalhadores/as possam frequentar as tão comemoradas escolas de tempo integral** (Cássio, Goulart, 2022, p.286-287. *grifos nossos*).

O que Cássio e Goulart (2022) estão nos apontando é um projeto, imediato, de retrocesso na educação pública, em que os mitos da liberdade do aluno, das até então soluções vinculadas às EMTI (Escola de Ensino Médio em Tempo Integral) e outros processos, são ataques às camadas marginalizadas da sociedade brasileira, dentre estas, à população negra. Eles prosseguem,

> Já nas escolas públicas, sobretudo as dos/as mais pobres, o NEM vai se revelando **um ensino médio que nem fornece uma formação geral sólida – pois retira conteúdos e coloca pouco ou nada no lugar – e nem forma para o mundo do trabalho – pois oferece um arremedo de 'qualificação profissional' muito aquém (em quantidade e qualidade) da Educação Profissional e Tecnológica ofertada nas escolas técnicas estaduais e no sistema federal**, cujo acesso continua restrito a poucos/as (Cássio, Goulart, 2022, p. 289, *grifos nossos*).

Ou seja, a MP-746/2016 retira a obrigatoriedade de todas as disciplinas, exceto Português e Matemática, esvaziando o currículo do jovem brasileiro de baixa renda. Promete uma formação profissional, pensando no "Mundo do Trabalho"[29], mas, na verdade, coloca esses jovens no montante dos tantos brasileiros e imigrantes que compõem os exércitos de reserva. Se aplicarmos uma análise racial sobre essa realidade, perceberemos um processo de produção da evasão escolar de jovens negros e, a pergunta que fica é, para onde eles vão? A resposta está no tópico "Dados *sobre a educação e a realidade factual da situação da população negra no Brasil",* deste artigo.

Ao analisarmos esse esvaziamento curricular, ou como a Lei chama de "Flexibilização do currículo escolar", percebemos um processo de apagamento e não-promoção das Leis 10.639/03 e 11.645/08, pois, como há mais disciplinas que refletem sobre dinâmicas mercantis, estimulando a meritocracia, o individualismo e o empreendedorismo, como "Projeto de Vida"; "Mundo do Trabalho"; entre outras, não há espaço para o Ensino de História e Cultura Africana, Afro-Brasileira

[29] No novo Ensino Médio, nos dois primeiros anos há uma disciplina chamada "Projeto de Vida" que, na prática, não tem eficácia alguma (Cássio, Goulart, 2022), e no terceiro, ano final do Ensino Médio, essa disciplina é substituída por uma chamada "Mundo do Trabalho".

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

e Indigena, o que podemos ressaltar como uma forma de Epistemicídio (Carneiro, 2023). Para uma compreensão mais plausível dessa realidade, vejamos a seguir a notícia que versa sobre uma professora que foi dar aula aplicando as Leis supracitadas:

> Conforme a professora, ela estava tentando aplicar na prática a Lei nº 10.639/2003, que inclui no currículo de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Mas diz que foi impedida ao longo do ano pela direção da escola de utilizar o livro ABC dos Povos Afro-brasileiros após reclamações de pais. Ela teria sido apedrejada depois do uso desse material (Redação Terra, 2024).

O que podemos verificar aqui é a política de extermínio da população negra periférica no Brasil, que ocorre desde o começo da Nação, até os dias atuais, sendo perpetuada por mais um braço do Estado, nesse caso, a escola, fundamentando-se, portanto, em uma Necropolítica (Mbembe, 2016) e, por consequência, em uma Necroeducação (Costa, Martins, Silva, 2020). Essa política de extermínio é do corpo (genocida), da memória (memoricida) e dos conhecimentos (epstemicida) das populações negras, indígenas, quilombolas e rurais.

Outro fator ligado à "Flexibilização do currículo escolar" se dá na porta de entrada para as (IES), que é o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Se há um processo de desestruturação e despreparo na educação pública, há uma resposta nos índices desses jovens e adultos no ENEM. Os estudos do Núcleo de Estudos raciais do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), demonstra que,

> A análise inicial indica que houve uma **modesta melhora em algumas regiões após 2012**. Em relação à cor/raça, os dados mostram que, em média, o**s candidatos brancos apresentam melhor desempenho** em comparação aos demais grupos [Negros; Indigenas; Amarelos]... Nesse sentido, o**s dados revelam uma grande disparidade entre brancos** e outras raças, especialmente **os negros** (Ferreira, França; Portela, 2023, p. 10. *grifos nossos*).

Esse estudo compreendeu dados de 2010-2019, mesmo período da primeira notícia da CNN Brasil (2022), supracitada, e do levantamento do Cedra, também supracitado, o que demonstra que há uma maior participação da população negra em cursos de ensino superior, mas os 47,6% apresentados pelo Cedra são em comparação à porcentagem de população negra no Brasil, sendo assim, a realidade torna-se preocupante.

Os dados do Insper (2023) nos fornecem uma realidade atroz, a qual, no caminho mais promissor de vinculação ao ensino superior, a população negra tem índices baixos, índices estes que refletem um processo de desestabilização da educação escolarizada pública no Brasil.

Se a análise é posta considerando as escolas a partir de um comparativo pública *versus* privada, a realidade é ainda mais paralisante, como demonstram os estudos:

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

> A princípio, é possível observar que, independentemente da cor/raça dos alunos, **o desempenho na rede privada é superior ao da rede pública.** Esse resultado pode ser influenciado por diversos fatores, como a desigualdade socioeconômica, uma vez que a maioria dos estudantes de escolas públicas provêm de famílias de baixa renda (Ferreira, França; Portela, 2023, p. 11. *grifos nossos*).

A pergunta que fica é: se houve pessoas negras entrando nas universidades entre 2010-2019 e esse número é baixíssimo em comparação à população negra existente no país, e que, se aplicarmos a origem escolar que tem o melhor rendimento no ENEM, essa origem é sempre de escolas privadas, a que recorte de classe esse sujeito negro dos 47,6%, segundo o Cedra, faz parte?

Voltamos, portanto, ao historiador brasileiro Petrônio Domingues, que estuda, entre tantos temas, a ascensão de uma classe média negra conservadora e ressalta em uma entrevista ao jornal Alma Preta que,

> Eu acredito que as ações afirmativas vão impulsionar essa classe média negra, que eu acredito que existe no Brasil antes das ações afirmativas. As cotas estão fazendo com que essa classe média negra se torne pujante em termos de dado e representatividade da sociedade brasileira (Domingues, 2024).

O que é colocado em evidência é que há uma porcentagem de população negra nas universidades e instituições de ensino superior no Brasil, todavia, uma parte dessa população é de origem de uma classe média. Tal fato representa que o número de jovens negros que consegue a alteração da sua realidade por meio da educação, por consequência, das IES, despenca e os que estão inseridos nessa realidade, tornam-se exceções. Sendo assim, as realidades para o sujeito Negro, Pobre e Periférico serão determinadas pelo seu local de nascimento, ou pela vinculação ao tráfico, pelo trabalho mal-remunerado, por ser vítima da violência policial ou por ser mais um sujeito no cárcere. A probabilidade desse sujeito conseguir modificar sua realidade por meio da educação, frente a todos os pressupostos até aqui analisados, é quase nula. Fazemos parte de uma maratona em que muitos começam a 2 metros da chegada, e tantos outros, a 10 quilômetros dela.

Os dados até aqui discutidos refletem sobre processos étnicos-raciais e de classe, entretanto, ao aplicarmos prerrogativas de gênero, poderemos ressaltar que o corpo que mais é violentado neste cenário será o da mulher negra, como já afirmava Lélia Gonzalez em 1980 (2020, p. 94-112). Ela evidencia também que,

> E isso significa que **os negros já nascem com menos chance de chegarem ao segundo grau [ensino médio, atualmente] e praticamente nenhuma de atingirem a universidade**[...] Por aí se entende por que nossas crianças mal conseguem cursar o primeiro grau: não se trata, como pensam e dizem alguns, de uma "incapacidade congênita da raça" para as atividades intelectuais, mas do fato de que, desde muito cedo, têm que **"ir à luta"** para ajudar na sobrevivência da própria família (González, 2020, p. 95-99, *grifos nossos*).

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

O que processos como o da implementação do "Novo" Ensino Médio estão fazendo é diminuir ainda mais as chances desses sujeitos, para que pareça inviável essa alternativa. Por outro lado, temos parte da sociedade acreditando que há uma alteração estrutural por estarmos debatendo mais o racismo, por ter mais pessoas negras na universidade, sem enxergar que essas realidades são muito pequenas perto da realidade vivenciada pelo negro periférico no Brasil.[30]

A realidade social do negro periférico no Brasil frente a um Estado anti-negritude

Demonstramos de maneira densa os processos que ilustram como a realidade social do negro periférico no Brasil é uma realidade de sobrevivência frente a um projeto de genocídio (Nascimento, 2016) financiado e orquestrado por todas as dimensões do Estado, àquelas que ainda são geridas pelo setor público e tantas outras, pelo setor privado.

Para sintetizar todas as informações até aqui descritas utilizaremos como base teórica as raízes do pensamento afropessimista (Hartman, 1997; Sexton, 2011; Wilderson III, 2017, 2020; Vargas, 2017; Soares, 2022) que, em síntese, compreendem que a experiência do negro na sociedade moderna deve ser sempre encarada com atenção, pois, existe vigente uma dimensão de antinegritude, um processo no qual a "violência contra corpos negros é norma no mundo" (Soares, 2022).

Como elucida Fanon (2020, pg. 103), a experiência vivenciada pelo negro é uma experiência de objetificação, de não ser compreendido como Ser, mas sim, como algo a ser dominado, subalternizado, domesticado, culpabilizado. Dentro disso, a construção da sociedade moderna compreende, sobretudo no Estado brasileiro, o negro como *não ser* (Carneiro, 2023) pois, a este é destinado o ímpeto da ausência, o de não ser compreendido dentro da régua de civilização imposta pelo Mundo Moderno Euro-Cristão-Branco. A antropóloga social brasileira Maria Andrea dos Santos Soares nos auxilia a compreender essa lógica quando ressalta que

> [...] a persistência de um sentimento/entendimento de que o negro é o "outro", redutível à raça e o "inimigo" da nação, havendo portanto a necessidade de ser contido, ou eliminado. Entendendo que este ser – o negro – foi construído a partir do olhar do sujeito da razão ocidental – o homem europeu – e foi posicionado como antagônico à razão e à civilização, chega-se à ideia de antinegritude (Soares, 2022, p. 167).

Assim, ao afirmarmos que o Estado brasileiro é antinegritude e, portanto, promove um projeto de genocídio da população negra, sobretudo periféria, estamos propondo que todas as organizações pertencentes ou não ao Estado estarão em prol desse projeto. Demonstramos como a

[30] Alusão ao capítulo do livro *Peles Negras, Máscaras Brancas* de Frantz Fanon. Ver em: FANON, Frantz. A experiência vivida do Negro. In. _____. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo. Ubu Editora. 2020. p. 103.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

Segurança Pública faz isso, como no processo histórico brasileiro isso foi enraizado, mas, principalmente, como a educação pública brasileira também auxilia no expurgo da população negra brasileira, pois, em sua perfomance, é insuficiente em alterar a realidade vivenciada pelo negro no Brasil, mesmo após avanços dispostos pelas mobilizações sociais, os quais podem ser demonstrados através do trecho a seguir de João Costa Vargas (2010, p. 38-40),

> O momento político atual no Brasil, de um ponto de vista da Diáspora Negra, é uma das contradições; ao tempo em que os movimentos negros brasileiros se tornam relativamente bem sucedidos em pressionar e às vezes implementar políticas públicas de ações afirmativas, resistindo a práticas institucionais e ideológicas, além de contra a imposta marginalização das comunidades negras. Violência policial militarizada, segregação residencial, desemprego e morte prematura, como especificado mais adiante, continuam a afetar desproporcionalmente afrodescendentes ao mesmo tempo, em que dois processos inter relacionados [sic] e mutuamente constitutivos e contraditórios mostram sua face [...] **Apesar dos programas macroeconômicos, o governo Lula está aquém de alcançar mudanças estruturais.** Não obstante o expressivo crescimento no orçamento para aqueles de menor renda, os gastos sociais per capita do atual governo caíram frente aos da administração de Fernando Henrique Cardoso, os mais altos cortes registrados em moradia e infraestrutura urbana [...] A expansão das favelas na paisagem urbana brasileira é um sintoma do colapso do sistema de empréstimo para casa própria (Vargas, 2010, p. 38-40, *grifos nossos adicionados*).

O processo que visualizamos aqui é que, a promulgação de políticas afirmativas nos últimos 20 anos, assim como o avanço no ínicio dos anos 2000 de governos progressistas na América Latina como um todo, trouxe para o senso comum, a ideia de que a realidade efetiva seria modificada, que os débitos de um passado escravocrata seriam destruídos na construção de um novo mundo, todavia, a realidade efetiva que obtivemos foi a aglutinação destes avanços em prol do "continuum do genocídio antinegro" (Soares, 2022, p. 177). Surgiram, então, como cortina que escondia a perpetuação das dinâmicas de violação histórica do Estado sobre as populações marginalizadas da sociedade brasileira.

O que temos demonstrado é que os avanços dentro do sistema institucional e legislativo dos últimos 20 anos com as políticas afirmativas não são, e não serão, suficientes para a emancipação ou alteração da realidade social da população negra periférica brasileira. Em conjunto a isso, partimos da análise afropessimista e fanoniana ao afirmar que as mobilizações sociais que não partam do cerne-eixo dos problemas vivenciados pelas populações marginalizadas não surtem efeito na estrutura, já que serão aglutinadas por ela. O que se faz não é reorganizar o mundo para que este compreenda e integre o negro em seu sistema, isto demonstrou-se, ao longo da História, impossível, uma vez que o mundo está estruturado a partir da dinâmica da negação desse sujeito. O negro é compreendido como ausência e o que se faz necessário é a reivindicação do "fim deste mundo"

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

(Fanon, 2021, p. 226); o fim desta organização social perversa, rompendo, finalmente, com a "configuração colonialista" (Fanon, 2021) presente nas instituições sociais, e entre elas, a escola.

Considerações Finais

O trabalho aqui apresentado teve como principal objetivo demonstrar uma observação macro-histórica sobre a relação entre Educação escolarizada e a População Negra no Brasil, uma relação que, como expressada ao longo dos tópicos, é marcada por uma divergência existencial, pois a educação escolarizada no nosso país nunca foi planejada para contribuir para o processo educacional da população negra.

As reivindicações ocasionadas pelos Movimentos Negros no Brasil tentaram, e ainda tentam, fazer com que estes dois universos estejam conectados a partir da ideia de que, por meio da educação, a população negra consiga, por fim, a emancipação a qual almeja. Como ressalta Renísia Cristina Garcia (2007),

> É fato que os negros, nessas últimas décadas, estão mais inseridos nos postos de trabalho e mais presentes nos bancos escolares. Os indicadores sociais demonstram uma ligeira mudança nas posições ocupadas pelos negros em relação ao acesso e ao rendimento escolar. Todavia, se considerarmos as taxas de eficiência dos alunos negros no sistema educacional, a distribuição salarial e os postos de serviços ocupados, **os negros permanecem, invariavelmente, em desvantagem** [...] Ressalta-se a necessidade de compreender os contornos das desigualdades raciais e de gênero no Brasil contemporâneo. Apesar dos recentes avanços nos indicadores quantitativos [*educacionais comparando os dados anteriores às políticas afirmativas*], em termos qualitativos ainda são nítidos os sinais de discriminação em todos os âmbitos, educacionais, sociais, econômicos e culturais (Garcia, 2007, p. 99-100, *grifos nossos*).

Nesse sentido, o que demonstramos com este trabalho é que o contexto evidenciado está cada vez mais distante de se tornar materializado na realidade, sobretudo se analisarmos o contexto educacional em que o Brasil está posto. Elucidamos o problema do "Novo" Ensino Médio, mas poderíamos continuar as reflexões discutindo sobre a implementação de uma educação neoliberal, sobre a vinculação do universo militar nas escolas e tantos outros processos reacionários pelos quais a escola está passando. Tais processos ganham cada vez mais força devido os embates travados dentro dos Movimentos Negros no Brasil, os quais perderam contato, em sua maioria, com outras bases de mobilização. Domingues (2008, p. 119) reflete que uma solução seria a retomada de uma agenda de parcerias:

> O futuro mais promissor do movimento negro organizado no Brasil é sair de seu relativo sectarismo racialista e **fomentar, um arco de alianças com os setores progressistas da sociedade civil** - particularmente com os **movimentos populares** -, **comprometidos em atacar as desigualdades estruturais na sociedade**

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

> **brasileira**. Daí a necessidade de incorporar a questão racial à pauta de preocupações das lutas políticas dos trabalhadores, mulheres, *gays*, estudantes, enfim, de todos os setores subalternos da sociedade (Domingues, 2008, p. 119, *grifos nossos adicionados*).

O que propomos ver aqui é um olhar pessimista sobre o futuro da educação[31], mas, ao mesmo tempo, esperançoso, no sentido em que a educação não é (só) a escola. A educação é um processo humano, e está posta nessa dinâmica. Nesse sentido, é urgente que façamos com que a escola se reinvente para suprir nossas necessidades.

Para comprovar a realidade de que essas práticas paralisantes não podem nos parar, utilizamos como exemplo sintomático uma escola do interior baiano, no município de Lauro Freitas, o Colégio Municipal de Ensino Infantil (CMEI) Djalma Ramos.[32] Essa escola propõe em sua prática pedagógica uma nova dinâmica social, uma pedagogia não eurocêntrica, uma pedagogia do afeto, a qual suas idealizadoras nomeiam como Crespogogia (Santos, Sousa, 2022).

Uma das idealizadoras dessa perspectiva pedagógica anti-racista, a professora Fátima Santana Santos, descreve sua atuação docente de maneira perspicaz, auxiliando-nos a mensurar a iniciativa a ser retomada pelos Movimentos Negros no Brasil. Ela elucida que,

> enquanto educadora negra que sou reafirmo que o nosso desejo e compromisso de luta é que novas escrevivências sejam construídas nos espaços escolares cotidianamente e que onde houver uma menina negra, essas experiências possam ocorrer a partir de experiências com a felicidade, que elas tenham a alegria de coexistir com seus coletivos (Santos, 2020, p. 120-121).

O CMEI Djalma Ramos, assim como outros exemplos de Práticas Desviantes (Certeau, 1998) no contexto escolar brasileiro, são provas de que na realidade do convívio micro-social, conseguimos enfrentar as desenvolturas propostas pelas estruturas.

As populações negras, indígenas, quilombolas e rurais sobrevivem ao processo de extermínio vinculado ao Estado brasileiro há 500 anos. Resistem e re-existem nessa mesma margem de tempo. Há, sem dúvidas, o cansaço de existir em um meio que o repudia, que o mata, que o persegue, mas, aqui estão.

Portanto, as designações finais deste trabalho, que elucidou sinteticamente as importantes contribuições dos Movimentos Negros no Brasil, servem para alertar sobre um presente que não é

---

[31] A escola no Brasil nunca foi pensada para suprir as necessidades das populações negras, indígenas, quilombolas e rurais. A escola nunca foi planejada para existir no multi, pluri ou na transculturalidade. A escola surgiu para esses corpos como mais um braço do Estado, na sua política de extermínio.

[32] "Reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC) como escola inovadora, o Centro Municipal de Educação Infantil Dr. Djalma Ramos – CMEI está localizado em Lauro de Freitas, na Bahia, e atende 130 crianças do berçário ao grupo 5, em tempo integral. Ao longo de uma década, a instituição está construindo uma proposta pedagógica voltada para a educação antirracista, cujas proposições trazem experiências afro-brasileiras, africanas e afrodiaspóricas." PORVIR. **Por Uma Infância Escrevivente: Práticas de uma Educação Antirracista**. 2023. Disponível em: https://www.educacao.faber-castell.com.br/por-uma-infancia-escrevivente-praticas-de-uma-educacao-antirracista Acesso em: 14/02/2025.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

bom, mas que ainda tem chances de se tornar um futuro melhor. Não se pode paralisar frente a essas ofensivas reacionárias, nem mesmo viver no saudosismo de um mito de modificação da realidade. Sabemos que há 20 anos era ruim, mas isso não significa que hoje esteja (muito) melhor. Nesse sentido, é preciso nos manter vigilantes e atuantes.

Paulo Freire (2014) nos diz que a "educação deve ser libertadora", todavia, essa educação deve ser repensada, re-estruturada e enegrecida. Sendo assim, a *práxis* efetivada pelos Movimentos Negros Brasileiros surgem como farol, guia, para esperançarmos novos horizontes para o futuro de nossos jovens.

Compreender a educação como espaço formador e emancipador potencializa jovens negros(as) a fugirem da sistemática genocida do estado.

Aos jovens "que na barriga da miséria, nasceram brasileiros"[33] este texto surge como forma de denunciar as violências que estão sofrendo e que, muitas vezes, nem ao menos sabem. Surge como proposta de repensar que os índices que alegam um *fracasso escolar*, a evasão escolar, uma "má" educação dentro da sala de aula e uma não aceitação dessa educação posta em prática é, também, uma forma de resistir.

Que sejamos potencializados a ver e viver uma educação aberta a uma gama plural de sujeitos, potencializando-os, emancipando-os, como agentes de alteração da realidade. Busquemos incorporar outros caminhos a serem traçados, para assim, fundamentarmos outras realidades.

Dessa maneira, os Movimentos Negros, Indigenas, Quilombolas e Rurais Brasileiros traçaram caminhos para alcançarmos novos horizontes na educação, prevendo uma proposta escolar emancipadora e diversa. Precisamos lutar para a prática dessas propostas. Precisamos lutar pela implementação, de fato, das Leis 10.639/03, 11.645/08 e 12.711/12, mas não só isso. Precisamos reivindicar nas ruas, por mais espaços. É preciso reivindicar que nossos corpos deixem de ser vistos como alvo. E precisamos reivindicar pelo fim dessa política de extermínio e, por consequência, pelo fim dessa estrutura de sociedade, por meio de uma ruptura abrupta desse sistema.

Por fim, nos resta seguir na luta. Façamos isso, pois a educação é para nós; deve ser nossa. E como canta o rapper mineiro Djonga, "largamos linhas para nem mortos sermos calados"[34]. Que essas linhas venham em diplomas, em produção de conhecimento, em emancipação por meio da educação, em resistências e re-existências.

Referências:

BRASIL. **CONSTITUIÇÃO POLITICA DO IMPERIO DO BRAZIL (DE 25 DE MARÇO DE 1824),** Carta de Lei de 25 de Março de 1824. Disponível em:

[33] Trecho especial da música "Na barriga da Miséria" do rapper carioca, LEALL. LEALL; LUNA. Na barriga da Miséria. In. LEALL. **Esculpido a Machado.** Rio de Janeiro. Covil da Bruxa, 2021. Faixa. 1.
[34] DJONGA. Esquimó. In. DJONGA. **Heresia**. Belo Horizonte. Ceia. 2017. Faixa 3.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

https://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/viwTodos/e964c0ab751ea2be032569fa007421 0b?OpenDocument&Highlight=1,&AutoFramed Acesso: 09/07/2024

BRASIL. **LEI Nº 601, DE 18 DE SETEMBRO DE 1850.** Disponível em: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lim%20601-1850?OpenDocument Acesso: 09/07/2024.

BRASIL. **LEI 10.639/2003 DE 09 DE JANEIRO DE 2003.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm Acesso em: 09/07/2024.

BRASIL. **LEI Nº 11.645, DE 10 MARÇO DE 2008.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm Acesso em: 09/07/2024.

BRASIL. **LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm Acesso em: 09/07/2024.

BRASIL. **LEI Nº 13.415, DE 16 DE FEVEREIRO DE 2017.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13415.htm Acesso em: 30/11/2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2023.

CÁ, Glória Augusto. **Teorias de embranquecimento no Brasil: últimas décadas do século XIX e início do século XX (1870-1930).** 2018.

CÁSSIO, Fernando; GOULART, Débora Cristina. A implementação do Novo Ensino Médio nos estados: das promessas da reforma ao ensino médio nem-nem. **Retratos da escola, v. 16, n. 35, p. 285-293**, 2022.

CERTEAU, Michel De. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

COSTA, Marilda de Oliveira; SILVA, Leonardo Almeida da. Educação e democracia: Base Nacional Comum Curricular e novo ensino médio sob a ótica de entidades acadêmicas da área educacional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 24, p. e240047, 2019.

COSTA, Aline Pereira da; MARTINS, Carlos Henrique dos Santos; SILVA, Heloise da Costa. Necroeducação: reflexões sobre a morte do negro no sistema educacional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, p. e250043, 2020.

DA SILVA, Karen Cristina Jensen Ruppel; BOUTIN, Aldimara Catarina. Novo ensino médio e educação integral: contextos, conceitos e polêmicas sobre a reforma. Educação (Santa Maria. Online), v. 43, n. 3, p. 521-534, 2018.

DANGAREMBGA, Tsitsi. **Preta e mulher** / Tsitsi Dangarembga. trad. Carolina Kuhn Facchin. São Paulo: Kapulana, 2023.

DE SOUZA CORRÊA, Shirlei; DE OLIVEIRA GARCIA, Sandra Regina. "Novo ensino médio: quem conhece aprova!" Aprova?. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 604-622, 2018.

DE SOUZA, Matheus Trindade. **Encarceramento digital: A cultura do cancelamento e sua contribuição no adoecimento da população negra.** XVII ENPESS - Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora. Rio de Janeiro. 2022

DIAS, Maria de Fátima Sabino (org.). **História da América: ensino, poder e identidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: história, tendências e dilemas contemporâneos. **Dimensões**, n. 21, 2008.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

DOMINGUES, Petrônio. Petrônio Domingues: **'Há um tabu para debater sobre os negros de direita'**. Alma Preta. Pedro Borges. 2023. Disponível em: https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/petronio-domingues-tabu-debater-negros-direita/ Acesso em: 30/11/2024.

DOS SANTOS BENGIO, Fernanda Cristine; DOS SANTOS BANDEIRA, Daniela; DE SANTANA, André Ribeiro. Racismo de Estado e educação: apontamentos sobre o novo Ensino Médio. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 21, p. 91-110, 2022

FANON, Frantz. Introdução. In. _____. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo. Ubu Editora. 2020. pg. 5.

_____. A Experiência Vivida do Negro. In. _____. **Pele Negra, Máscaras Brancas.** Trad. Sebastião Nascimento e Raquel Camargo. São Paulo. Ubu Editora. 2020. pg. 125.

_____. **Por uma revolução africana: textos políticos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2021.

FERREIRA, Francisco; FRANÇA, Michael; PORTELA, Alysson. **Desigualdade racial no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).** Texto para Discussão 14. Núcleo de Estudos Raciais do Insper, São Paulo. 2023. pg. 10.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Editora Paz e terra, 2014.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 1**8º Anuário Brasileiro de Segurança Pública.** São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024. Disponível em: https://fontesegura.forumseguranca.org.br/sistema-prisional-e-racismo-a-chancela-da-discriminacao-racial/ Acesso em: 14/02/2025.

FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya(Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016, p. 27.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005**. Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da escola**, v. 2, n. 2/3, 2008. pg. 100.

_____. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Editora Vozes Limitadas, 2019.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. In. **Educação como exercício de diversidade** – Brasília : UNESCO, MEC, ANPEd. p. 181, 2005.

GONZALEZ, Lélia.. **Por um feminismo afro-latino-americano.** Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Classes, raças e democracia.** São Paulo: Editora 34, 2002.

HARRISON, Hubert Henry, 1883-1927. Capítulo VIII - Educação e Raça. In. _____. **Quando a África Despertar: a "história oculta" das aspirações e lutas do Novo Negro no mundo Ocidental.** Diáspora Africana: Editora Filhos de África. 2020.

HARTMAN, S. Scenes of subjection: terror, slavery, and self-making in nineteenth--century America. New York: **Oxford University Press,** 1997.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

LIMA JUNIOR, Antonio Pedro. **O racismo religioso estrutural presente no novo ensino médio do currículo paulista: uma análise a partir de dois componentes curriculares**. 2024.

MAFRA, L.A. A Sociologia dos estabelecimentos escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M.P.; VILELA, R.A.T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 109-136.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & ensaios**, n. 32, 2016.

MENDANHA JUNIOR, Fabrício Barbosa. **A cultura do cancelamento virtual: uma interdição no/pelo discurso**. 2021.

MOACYR, Primitivo apud. FONSECA, Marcus Vinícius. A população negra no ensino e na pesquisa em história da educação no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya(Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016, p. 27.

MOURA, Clóvis. Um dilema axiológico. In. _____. **O negro: de bom escravo a mau cidadão?**. Dandara Editora, 2021.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos avançados, v. 18, p. 209-224**, 2004.

_____. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Editora Perspectiva SA, 2016.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa negra no Brasil do século XIX**. BOD GmbH DE, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais–Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso**, p. 107-126, 2005.

RAMOS, Silva. **Pele alvo :a bala não erra o negro** / Silvia Ramos...[et al.] Rio de Janeiro : CESeC, 2023.

PETIT, Sandra Haydée. **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afro-ancestral e Tradição Oral Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei nº2 10.639/03.** Fortaleza: EdUECE, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa apud GOMES, Nilma Lino. Diversidade étnico-racial: por um projeto educativo emancipatório. **Retratos da escola**, v. 2, n. 2/3, 2008. pg. 100.

SANTOS, Fátima Santana. Meninas Pequenas, Negras e Pobres: Por Novas Escrevivências e Experiências com a Felicidade nos Espaços Escolares. In. MATTAR, Sumaya; SUZUKI, Clarissa; PINHEIRO, Maria (orgs.) **A lei 11.645/08 nas artes e na educação [recurso eletrônico] : perspectivas indígenas e afro-brasileiras.** São Paulo: ECA-USP, 2020.

SANTOS, Fátima Santana; Sousa, Ladjane Alves. CRESPOGOGIA, PRÁTICAS DE RE-EXISTÊNCIAS: Experiências curriculantes com crianças negras dentro dos espaços escolares. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 8, n. 2, p. 478-497, 2022.

SANTOS, Joel Rufino dos. A Luta Organizada contra o racismo. In. ____. **Saber do Negro.** Rio de Janeiro. Pallas, 2015.

SANTOS, Paulo Roberto dos. **Instituições afro-brasileiras:** a prática de uma contemporaneidade. Rio de Janeiro. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1984.

SEXTON, J. The social life of the social death: on afro pessimism and black optimism. In. **Tensions, Toronto, n. 5, Fall/Winter 2011**. Disponível em: http://www.yorku.ca/intent/issue5/articles/jaredsexton.php. Acesso em: 22 março 2025.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

SILVA, Petronilha Beatriz. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. **Educação**, v. 30, n. 63, p. 489-506, 2007.

SOARES, Maria Andrea dos Santos. Antinegritude: ser negro e fobia nacional. **Horizontes antropológicos**, v. 28, p. 165-194, 2022.

SOUZA, Neusa Santos. 2021**. Tornar-se negro ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social.** Rio de Janeiro: Zahar. 2021.

SÜSSEKIND, Maria Luiza. A BNCC e o "novo" Ensino Médio: reformas arrogantes, indolentes e malévolas. **Retratos da escola**, v. 13, n. 25, p. 91-107, 2019.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria & educação**, v. 6, n. 2, p. 1-17, 1992.

VARGAS, J. H. C. Por uma mudança de paradigma: antinegritude e antagonismo estrutural. In: FLAUZINA, A. L. P.; VARGAS, J. H. C. (org.). **Motim: horizontes do genocídio antinegro na Diáspora**. Brasília: Brado Negro, 2017. p. 91-105.

VARGAS, J. H. C. A Diáspora Negra como genocídio: Brasil, Estados Unidos ou uma geografia supranacional da morte e suas alternativas. **Revista da ABPN, Guarulhos, v. 1, n. 2,** p. 31-55, jul./out. 2010a.

VAZ, Sérgio. **Flores de alvenaria**. São Paulo: Global, 2016.

VEIGA, Rui. A alvorada de uma luta. **Folhetim,** Folha de São Paulo, n. 69, p.9, 14 maio 1978. (Entrevista com José Correia Leite). Apud. SANTOS, Joel Rufino dos. A Luta Organizada contra o racismo. In. ____. **Saber do Negro.** Rio de Janeiro. Pallas, 2015. p. 59.

VEIGA, Cynthia Greive. "Promiscuidade de cores e classes": tensões decorrentes da presença de crianças negras na história da escola pública brasileira. In. FONSECA, Marcus Vinícius; BARROS, Surya(Orgs.). **A história da educação dos negros no Brasil.** Niterói: EdUFF, 2016, p. 271-302.

VICENZI, Renilda; GUARESE, Maicon Fernando. Relações étnico-raciais:: o que aborda o material didático no Novo Ensino Médio?. **Educação Por Escrito**, v. 15, n. 1, 2024.

WILDERSON III, F. B. Biko e a problemática da presença. In: FLAUZINA, A. L. P.; VARGAS, J. H. C. (org.). **Motim: horizontes do genocídio antinegro na Diáspora.** Brasí lia: Brado Negro, 2017. p. 67-89.

WILDERSON III, F. B. Afropessimism. New York: **Liveright Publishing Corporation**, 2020.

Músicas

RACIONAIS MC'S, AFROX. A Vida é um Desafio. In. Racionais Mc's. **Nada Como um dia Após o Outro, Vol. 1&2**. São Paulo. Boogie Naipe. 2002. Faixa 10, Disco 1.

DJONGA. Esquimó. In. DJONGA. **Heresia**. Belo Horizonte. Ceia. 2017. Faixa 3

LEALL; LUNA. Na barriga da Miséria. In. LEALL. **Esculpido a Machado.** Rio de Janeiro. Covil da Bruxa, 2021. Faixa. 1.

Sites

ALMEIDA, Pauline. **Negros e Pardos em Universidades Federais passam de 41% para 52% em dez anos.** 2022. Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/nacional/negros-e-pardos-em-universidades-federais-passam-de-41-para-52-em-dez-anos/ Acesso em: 11/07/2024.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34

BOCCHINI, Bruno. **População negra encarcerada atinge maior patamar da série histórica. Em 2022, havia 442.033 negros presos, diz FBSP.** 2022. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-07/populacao-negra-encarcerada-atinge-maior-patamar-da-serie-historica#:~:text="O%20sistema%20prisional%20brasileiro%20escancara,destaca%20o%20texto%20o%20anuário. Acesso em: 14/02/2025.

CEDRA, **Centro de Estudos e Dados sobre Desigualdades Raciais**, 2022. Disponível em:https://cedra.org.br/destaques/a-proporcao-de-negros-entre-os-estudantes-de-ensino-superior-aumentou-127-pontos-percentuais-de-2010-a-2019/ Acesso em: 14/02/2025.

CONGRESSO NACIONAL. **ENTENDA A TRAMITAÇÃO DA MEDIDA PROVISÓRIA**. Disponível em: https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/entenda-a-tramitacao-da-medida-provisoria#:~:text=As%20Medidas%20Provisórias%20(MPVs)%20são,situações%20de%20relevância%20e%20urgência. Acesso em: 14/02/2025.

CONGRESSO NACIONAL. **MEDIDA PROVISÓRIA Nº 746, de 2016 - Reformulação Ensino Médio**. 2016-2017. Disponível em: https://www.congressonacional.leg.br/materias/medidas-provisorias/-/mpv/126992#:~:text=Determina%20que%20o%20ensino%20de,as%20facultativas%20no%20ensino%20médio. Acesso em: 14/02/2025.

CNN, **Pesquisa: SP enquadrou 31 mil negros como traficantes em situações similares às de usuários brancos.** 2024 Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pesquisa-sp-enquadrou-31-mil-negros-como-traficantes-em-situacoes-similares-as-de-usuarios-brancos/#:~:text=Um%20estudo%20realizado%20pelo%20Núcleo,que%20brancos%20foram%20considerados%20usuários. Acesso em: 14/02/2025.

DA SILVA, Adriana Maria Paulo. **A Primeira Escola Exclusiva para Negros no Brasil**. Portal Geledés. 2015. Disponível em: https://www.geledes.org.br/a-primeira-escola-exclusiva-para-negros-no-brasil/ Acesso em: 28/02/2025.

MUNANGA, Kabengele. **"Basta a Educação para o enfrentamento do Racismo no Brasil?**. Comunica UFU. Naiara Ashaia. 2023 Disponível em: https://comunica.ufu.br/noticias/2023/07/basta-educacao-para-o-enfrentamento-do-racismo-no-brasil Acesso em: 14/02/2025.

PORVIR. **Por Uma Infância Escrevivente: Práticas de uma Educação Antirracista**. 2023. Disponível em: https://www.educacao.faber-castell.com.br/por-uma-infancia-escrevivente-praticas-de-uma-educacao-antirracista Acesso em: 14/02/2025

REDAÇÃO TERRA. **BA: PROFESSORA É APREDEJADA POR ALUNOS APÓS AULAS SOBRE CULTURA AFRO-BRASILEIRA.** 2024. Disponível em: https://www.terra.com.br/noticias/educacao/ba-professora-e-apedrejada-por-alunos-apos-aulas-sobre-cultura-afro-brasileira,f492d9745315af38669a77238677f7953f9qzoua.html?utm_source=clipboard Acesso em: 14/02/2025

SILVA, Noemi Santos da. **Educação Direito Negado, Razão de Lutas Negras no Século XIX.** Portal Geledés. 2021. Disponível em: https://www.geledes.org.br/educacao-direito-negado-razao-de-lutas-negras-no-seculo-xix/ Acesso em: 14/02/2025.

Versão Final Homologada
13/08/2025 13:34